



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

# ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

FOMENTO

APOIO



## RELATO DE EXPERIÊNCIA

### PRODUÇÃO LABORATORIAL EM ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO:

### ECOSSISTEMA DE APRENDIZAGEM EXPERIMENTAL

Boanerges Lopes<sup>1</sup>; [bblopes@ufjf.br](mailto:bblopes@ufjf.br)

## RESUMO

O texto apresenta e estimula a reflexão sobre algumas das ações comunicativas no processo de ensino-aprendizagem da realidade da disciplina de Laboratório de Assessoria de Comunicação do curso de jornalismo da Facom/UFJF que se desenvolvem desde 2015. As experimentações se baseiam em autores como Bakhtin (2011), Melo e Assis (2020) e Marcuschi (2002), entre outros, com ênfase nas produções de releases e crônicas. O objetivo central é demonstrar o processo de associação didática entre a teoria e a produção técnica, mediada pela experimentação pedagógica. A condição descritivo-analítica é utilizada e pautada no acompanhamento de experimentações que simulam a realidade profissional. Os resultados indicam que o laboratório funciona como um "espaço de fronteira" essencial, onde o conceito de "profissional reflexivo" de Schön (2000) se materializa pelo ciclo de escrita, feedback e reescrita. E permite ao discente a possibilidade de vivenciar as esferas comunicativas contemporâneas.

## PALAVRAS-CHAVE

Gêneros Textuais e Discursivos; Práticas Laboratoriais; Teoria e técnica; Release; Crônica.

## 1. INTRODUÇÃO

Nas universidades contemporâneas, o ensino laboratorial de assessoria de comunicação passou por uma transformação significativa na última década, deixando de ser apenas um espaço de treinamento puramente técnico para se tornar um ambiente de gestão estratégica e inovação digital, mas permanece com o desafio de superar a dicotomia entre o saber teórico e o fazer prático. O que em Duarte (2011) aponta para a discussão que envolve o segmento de assessoria em torno da transição do modelo instrumental para o modelo estratégico. Nesse sentido, o laboratório acadêmico deve se estruturar não apenas como um ambiente de reprodução de tarefas, mas como um ecossistema de aprendizagem experimental onde a reflexão crítica e o

<sup>1</sup> Professor titular da Universidade Federal de Juiz de Fora, MG (UFJF). Doutor em Comunicação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e Mestre em Comunicação Científica pela Umesp. Autor de livros e Conselheiro da Associação Brasileira de Imprensa, ABI.



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

# ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

FOMENTO

APOIO



desempenho profissional convergem para a formação que incorpore a lógica não só da convergência digital, mas aquela em que o papel do assessor deixa de ser apenas o de um emissor de informações para tornar-se um gestor de redes de conversação e editor de múltiplos formatos de publicações. De acordo com Brandão (2011), nesse ecossistema digitalizado, o aprendizado laboratorial precisa focar na curadoria de conteúdos, na diversidade da utilização dos recursos textuais e visuais e na interação em tempo real, preparando o estudante para lidar com a instantaneidade e a fragmentação das audiências e públicos nas plataformas sociais.

Diante de um mercado de comunicação marcado pela fragmentação de discursos e pela velocidade das redes digitais, as produções laboratoriais em assessoria assumem cada vez mais um papel vital. Configuram-se como ambientes de simulação controlada que permitem ao estudante vivenciar a complexidade das organizações, transformando o laboratório em um organismo vivo de experimentação e mediação de sentidos. Com isso, uma base de ensino que tenha como suporte gêneros textuais e discursivos enfrenta, contemporaneamente, o desafio de equilibrar a densidade teórica dos recursos escritos com as exigências pragmáticas do mercado de trabalho. No centro dessa discussão, situam-se o release e a crônica: dois gêneros que, embora compartilhem o suporte mediático, emanam de esferas discursivas distintas. Enquanto o primeiro exige o rigor da objetividade institucional, o segundo floresce na subjetividade do olhar cotidiano.

Ao definir a visão sistêmica impulsionada pela prática reflexiva, o aprendizado deixa de ser uma recepção passiva para se tornar um ciclo dinâmico de experiência e reflexão. Assim, as atividades práticas têm sido transpostas de uma mera orientação de execução de ações comunicativas, transformando-se em um campo de mediação em uma busca formativa de um profissional, entre outras possibilidades, a de ser capaz de gerenciar textos/discursos e produções em formatos diferenciados com consciência crítica e responsabilidade estratégica. Para exemplificar, buscou-se relatar este



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

# ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

FOMENTO

APOIO



processo didático, ocorrido em um ambiente laboratorial específico, ou seja, a realidade de uma disciplina denominada Laboratório de Assessoria de Comunicação, na Faculdade de Comunicação da UFJF/MG, em que experimentalmente os alunos internalizam marcas linguísticas e finalidades sociais nas produções de releases e crônicas, baseadas especialmente no conceito de gêneros textuais/discursivos de Bakhtin (2011) e nos gêneros jornalísticos de Melo e Assis (2020). Justifica-se a relevância deste relato pela necessidade de superar o ensino de enquadramentos textuais demasiadamente formais e rígidos, promovendo uma formação que capacite o estudante a transitar com mais desenvoltura e autonomia entre a estratégia da assessoria de imprensa/comunicação e a estética do texto informativo/interpretativo.

De acordo com Schön (2000), a formação profissional em ambientes que valorizam ações práticas estimula a figura do praticante reflexivo. E o laboratório, aponta o autor, é o espaço ideal para a "reflexão na ação", onde o aluno não apenas aplica regras técnicas pré-estabelecidas, mas desenvolve a capacidade de pensar e ajustar suas estratégias enquanto lida com as incertezas e instabilidades inerentes ao cotidiano da comunicação. Portanto, a metodologia de ensino laboratorial alinha-se ao conceito de profissional reflexivo de Schön, no qual o aprendizado ocorre através da reflexão sobre a própria ação. Por exemplo: ao reescrever uma crônica, após as ponderações do docente, o aluno não apenas corrige o texto, mas reconstrói seu entendimento sobre as marcas de subjetividade do gênero.

O laboratório em assessoria de comunicação deve ser compreendido como um ecossistema de aprendizagem experimental, ou seja, um ambiente dinâmico e interconectado que vai muito além da simples simulação técnica. Nesse modelo, a experiência foi constituída de um tripé em que: 1. Não se buscou apenas aplicar a teoria à prática, mas de vê-la emergir durante o fazer. Durante os semestres, os estudantes testam hipóteses comunicacionais em tempo real, transformando, por exemplo, conceitos abstratos (como reputação ou engajamento) em produtos concretos (como



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

# ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

FOMENTO

APOIO



planejamentos ou gestão de redes); 2. Houve destaque para o erro como insumo pedagógico, tratando-o, dentro de ambiente de uma espécie de segurança psicológica, com o monitoramento para transformar cada dado em reflexão crítica, permitindo a evolução do pensamento estratégico sem as sanções do mundo corporativo; 3. A concepção de laboratório como organismo vivo foi estimulada no intuito de que os discentes percebessem que circulam diferentes "espécies": alunos (estagiários/assessores), professores (inclusive coordenadores/diretores/mentores) e clientes/profissionais reais ou simulados. O que tem gerado um fluxo de informações que mimetiza no âmbito acadêmico a complexidade da sociedade, exigindo que o aluno aprenda a gerenciar conflitos, prazos e expectativas multidisciplinares.

A intenção foi e é a de definir o laboratório como ecossistema procurando reconhecer ali um espaço de transição que nutre o pensamento crítico, a criatividade e a responsabilidade ética antes da inserção definitiva do profissional no mercado.

## 2. METODOLOGIA

A abordagem qualitativa neste texto enfatiza a natureza descritivo-analítica, fundamentada no procedimento de relato de experiência (o que a aproxima de um estudo de caso) em ambiente laboratorial. O corpus de análise é constituído das referências (e inferências) às (nas) produções textuais de alunos (releases e crônicas), desenvolvidas sob a égide das denominadas Metodologias Ativas (BACICH; MORAN, 2018), em que a maior mudança na transição técnica é o diálogo e o foco no outro, ou seja, uma produção técnica laboratorial em que o aluno escreva, por exemplo, para o jornalista da redação (no caso do release) ou para o público leitor (no caso da crônica), ajustando o léxico e o tom a esses destinatários específicos.

A associação com as denominadas Metodologias Ativas, de acordo com Bacich e Moran (2018), significa que o foco sai também do ensinar (centrado no professor) e passa para o aprender (o aluno é a figura central). O que viabiliza a transição entre



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

# ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

FOMENTO

APOIO



saber o que é um gênero e saber produzi-lo. Assim, diferente da aula expositiva tradicional, onde o aluno recebe a definição de "release", ele é colocado em uma situação-problema em que as atividades laboratoriais proporcionam não apenas uma explicação sobre o release. Exemplo: ao receber um "briefing" de uma organização em crise ou o anúncio de um evento, ele precisa decidir, sob pressão, quais informações são relevantes. Ou a ele são repassadas orientações técnicas de redação, estimulando a distinção da voz institucional do release da voz autoral da crônica.

Baseado no referencial de Marcuschi (2002) para avaliar se os textos produzidos cumprem sua função social, surge a ideia do release, no qual verifica-se a eficácia da hierarquização da informação (pirâmide invertida); em contraponto com a crônica, em que se observa o hibridismo entre o fato cotidiano e a estética literária. Tendo como base Schön (2000), a metodologia adotada também observa o ciclo de feedback e reescrita. Assim, o foco não reside apenas no produto final, mas na capacidade do estudante de refletir atuando após as intervenções do docente. Ele não analisa apenas o texto, mas o processo, a teoria utilizada e o método de ensino adotado. Bakhtin (2011) e Melo e Assis (2020) atenderam às possibilidades de se trabalhar com os gêneros, textuais, discursivos e jornalísticos.

### 3. DESENVOLVIMENTO

Tanto o saber teórico quanto a produção técnica, foram trabalhados no ambiente laboratorial de maneira não linear, em que a parte didática exigiu dos participantes a cada semestre a compreensão das funções sociais possíveis no exercício das atividades de um (a) assessor (a) de comunicação, a partir de cada tópico pensado dentro do planejamento semestral. Com isso, a prática laboratorial "impôs" condições para que houvesse uma percepção das restrições reais de tempo, suporte e público-alvo.



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

# ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

FOMENTO

APOIO



A prática laboratorial, no transcorrer de alguns períodos letivos desde 2015, estimulou (e permanece estimulando) que os estudantes compreendessem, entre outras possibilidades, que o conjunto textual institucional não se constitua em um fim em si mesmo, mas configure-se como elo em uma cadeia de produção de sentidos. Portanto, toda – ou boa parte do que foi feito - a produção textual no ambiente laboratorial deixou de ser uma tarefa burocrática para tornar-se um exercício de conexão, agenciamento. Foram considerados critérios que permitiram dominar a função comunicativa do gênero, numa ponte da teoria para a técnica, fazendo-o entender que o release, na prática, deve ordenar a informação de modo que ela seja útil à esfera jornalística, validando sua existência social e institucional.

Como gestor de informações, o desafio técnico na atualidade não é apenas o de redigir e publicar um release, mas identificar o valor-notícia dentro de um conjunto de dados institucionais. Então, por exemplo, a utilização da pirâmide invertida, deixa de ser um exercício de preenchimento formal para tornar-se uma estratégia de sobrevivência do texto na caixa de entrada de um repórter ou editor. Configurando o release em sua função social capaz de transitar entre a esfera institucional e a esfera jornalística com clareza e objetividade.

Diferente do release, a crônica trabalhada no ambiente laboratorial exigiu uma desconstrução da escrita técnica e impessoal. Os discentes foram provocados a exercitar o olhar sobre o cotidiano, transformando o corriqueiro em objeto de reflexão crítica. Orientou-se no sentido de conduzirem a liberdade estética na convivência com a periodicidade e o gancho temporal típicos do jornalismo. Assim, o espaço laboratorial funcionou com base na experimentação, testando os limites da condição autoral frente às demandas do suporte mediático.

Exigiu-se academicamente que na transição entre o saber teórico e a aplicação prática laboratorial fosse compreendida a plasticidade dos gêneros. No caso da crônica



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

# ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

FOMENTO

APOIO



e do release, a mudança de "chave" discursiva foi devidamente pensada a partir do que Bakhtin define como a adaptação às esferas de comunicação. O autor explica que:

O uso da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos, que emanam dos integrantes de uma ou de outra esfera da atividade humana. Esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas, não só por seu conteúdo (temático) e por seu estilo verbal, ou seja, pela seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua, mas, acima de tudo, por sua construção composicional. (BAKHTIN, 2011, p. 261).

A partir dessa perspectiva, percebe-se que a realidade laboratorial atua como um simulacro de produções textuais. Como quando o aluno em determinada aula redigia um release, submetendo sua produção ao rigor da esfera institucional; e, em outra, ao migrar para a crônica, passa pelo desafio de subverter o rigor em favor de um estilo verbal subjetivo. A experimentação pedagógica, portanto, levou à percepção de que o domínio de um gênero não é o domínio de uma regra estática, mas a capacidade de responder adequadamente às condições específicas de cada esfera comunicativa. Marcuschi (2002, p. 19), ressalta que pelo trabalho coletivo, os gêneros contribuem para ordenar e estabilizar as atividades comunicativas do dia a dia. Diante dessas condições, a proposta de preparo de um profissional reflexivo (SCHÖN, 2000, p. 31), aquele que, ao enfrentar situações de incerteza, instabilidade, singularidade e decisões ágeis e até ousadas, refletiu-se sobre o seu conhecimento na ação, e consolidou-se.

Ao se utilizar a concepção de gêneros jornalísticos de Melo no exercício laboratorial, o desafio foi em busca da precisão e a utilidade social da informação com foco na visão de mundo e no estilo autoral, no sentido de desenvolver a sensibilidade e a capacidade crítica do aluno e mensurar o erro controlado, já que o laboratório oferece o que se chama de espaço seguro para a experimentação. Ao conceber o espaço experimental, diferente de uma redação real, o erro no manejo do gênero (como uma crônica que soa excessivamente formal ou um release opinativo demais) é transformado em objeto de análise crítica imediata pelo professor observado pelos



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

# ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

FOMENTO

APOIO



discentes. Com isso, a ação pedagógica priorizou o processo de escrita e reescrita, essencial para que o aluno também percebesse (perceba) as nuances que diferenciam o texto acadêmico do texto profissional.

Ao inserirmos as estratégias das metodologias ativas (aprendizagem baseada em projetos – ABP - e problemas - PBL), durante as aulas, tanto o release quanto a crônica deixaram de ser exercícios isolados, tornando-se partes de um produto final que teve circulação interna e via redes sociais dos projetos da disciplina. Também foram propostos desafios, como o do exemplo em que houve o estímulo para transformar um relatório técnico (normalmente considerado chato) em um release que vire notícia ou como narrar o cotidiano da universidade em uma crônica que gere engajamento. Ou seja, os alunos precisavam buscar a teoria para resolver o problema técnico.

O professor também procurou se posicionar como um "editor" (no caso da crônica) ou "diretor de conta" (no caso do release), aproximando a avaliação da realidade do mercado. Muitas vezes foi apresentado um cenário de crise (ex: um recall de produto ou cancelamento de evento) onde o aluno assumia o papel de assessor de imprensa.

Os discentes também foram estimulados, antes de escrever, a identificar os "stakeholders" e os valores-notícia. Para isso o referencial de Melo e Assis (2020) foi imprescindível. Ou seja, o que pode tornar determinados fatos noticiáveis.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O laboratório consolida-se cada vez mais ao integrar a visão sistêmica com a prática reflexiva. Ambiente onde o aprendiz deixa de ser algo passivo para se tornar um ciclo dinâmico de experiência e reflexão. E as atividades práticas transcendem a mera execução técnica, transformando-se em um campo de mediação cultural e



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

# ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

FOMENTO

APOIO



construção de sentidos, fortalecendo a formação de um profissional capaz de gerenciar textos/discursos com consciência crítica e responsabilidade estratégica.

O aprendizado laboratorial cumpre seu papel pedagógico e social quando proporciona atitudes que envolvem reflexão na ação, pois permitem que o erro e a experimentação em ambiente controlado formem profissionais capazes de mediar, com autonomia e visão crítica, os diálogos entre as organizações e a sociedade em geral. A análise da prática laboratorial envolvendo o release e a crônica revela-se de maneira interessante que o ensino de gêneros textuais e discursivos ganha eficácia quando deixa de ser uma mera exposição teórica para se tornar uma experiência de imersão profissional. Através do processo das metodologias ativas, o laboratório de comunicação ganha um perfil dinâmico, onde o aluno deixa de ser um reproduzidor de normas para se tornar um sujeito social capaz de agir sobre a linguagem.

O domínio técnico do release, marcado pela objetividade e estratégia, e a fluidez estética da crônica (pautada pela subjetividade e reflexão), representam os dois polos essenciais de uma possível competência comunicativa. Enquanto no primeiro emerge o rigor do agendamento institucional, no segundo há o resgate da sensibilidade do olhar sobre o cotidiano. A alternância entre os gêneros em ambiente controlado permitiu, de acordo com o acompanhamento, ao estudante internalizar a ideia de estabilidade relativa, proposta por Bakhtin, compreendendo que o texto é um organismo vivo que se adapta às necessidades do suporte e às expectativas do destinatário.

Por fim, reitera-se que o sucesso da transição entre a teoria e a produção técnica residuiu e reside na capacidade do docente de atuar como mediador/editor, promovendo o feedback constante e a reflexão crítica. E, ao finalizar o processo laboratorial a cada semestre letivo, constatou-se que o estudante não apenas aprendeu o que é um gênero, mas desenvolveu a autonomia necessária para transitar entre as



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

# ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

FOMENTO

APOIO



diversas esferas discursivas, requisito fundamental para o profissional de comunicação na contemporaneidade.

## REFERÊNCIAS

BACICH, Lilian; MORAN, José (org.). **Metodologias ativas para uma educação inovadora**: uma abordagem teórica e prática. Porto Alegre: Penso, 2018.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Tradução de Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011. (Coleção Biblioteca de Estudos de Linguagem).

BRANDÃO, Elizabeth Pazito. **Assessoria de imprensa e comunicação digital**. In: DUARTE, Jorge (org.). Assessoria de imprensa e relacionamento com a mídia: teoria e técnica. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2011. p. 255-271.

DUARTE, Jorge (org.). **Assessoria de imprensa e relacionamento com a mídia**: teoria e técnica. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2011.

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e escrever**: estratégias de produção textual. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Gêneros textuais**: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (org.). Gêneros textuais e ensino. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002. p. 19-36. Disponível em: Revista Mousion.

MELO, José Marques de; ASSIS, Francisco de. (Orgs.) **Gêneros jornalísticos**. RJ: Editora PUCRJ/Edições Loyola, 2020.

\_\_\_\_\_; ASSIS, Francisco de. **Gêneros e formatos jornalísticos**: um modelo classificatório. In: INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. Intercom – Revista Brasileira de Ciências da Comunicação, São Paulo, v. 33, n. 2, p. 39-56, dez. 2010.

SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas: Mercado de Letras, 2004.

SCHÖN, Donald A. **Educando o profissional reflexivo**: um novo design para o ensino e a aprendizagem. Porto Alegre: Artmed, 2000.